

GAGO, José María Paz. *La estilística*. Madrid, Síntesis S.A., 1993, 208 p.

O autor, professor de literatura na Universidade de La Coruña, adverte o leitor, já na Introdução, que sua obra não é um manual de estilística, mas sobre estilística.

A advertência faz sentido. Malgrado o esforço para estabelecer as correlações entre as diferentes escolas e elencar os respectivos modelos de análise, o objetivo final é decretar a morte da estilística. Para Paz Gago, não se deve perpetuar tal método, não se justificando, portanto, escrever mais um manual de estilística. Mas, como se verá, em que pese a negativa do autor, a obra acaba preenchendo em parte esse papel.

Vale dizer que essa não é a primeira *proclamação fúnebre* da disciplina. Por exemplo, já na edição de 1977 do *Grand Larousse de la langue française*, Daniel Delas, responsável pelo verbete *estilística*, falando dos momentos de apogeu e declínio da disciplina, cita um artigo datado de 1969, escrito para a revista *Langue française* (n. 3), no qual M. Arrivé chega mesmo a falar em agonia e morte da estilística.

Conferindo a bibliografia citada pelo próprio Paz Gago, verificamos que nesse quase quarto de século transcorrido desde o artigo de M. Arrivé, inúmeras publicações sobre o assunto foram dadas à luz. Não nos parece que tais publicações tenham sido o resultado da desinformação dos autores citados nessa bibliografia. É provável que se possa falar em capacidade de resistência, ou melhor, de renovação da estilística.

Mas voltemos ao objeto desta resenha. Apesar de seu tom necrológico, a leitura da obra do professor espanhol pode ser muito útil.

Resenhas.

Primeiramente, para aqueles que ainda acreditam que o método estilístico pode prestar serviços à análise de texto, notadamente o literário. Vale lembrar que nossa literatura não teve seus estilos coletivos ou individuais suficientemente descritos. Quanto à estilística da língua, devemos reconhecer que existem aspectos expressivos do português que poderão ainda ser iluminados por ela.

Para os que crêem, como o autor, que existem outras disciplinas que oferecem métodos mais eficazes de análise do texto, a leitura também se impõe. Senão para repassar os inestimáveis serviços prestados pela estilística, especialmente no campo da crítica literária, ao menos para compreender melhor seus desdobramentos e, conseqüentemente, sua contribuição para teorias e métodos mais recentes.

Costuma-se apresentar as diferentes escolas com base em uma grande disparidade de critérios: enquanto algumas se apóiam num *impressionismo mais intuitivo*, outras têm bases mais formalistas. Dispõe-se o autor, no entanto, a resistir a essa disparidade. Por isso mesmo, ele evita o simples repertório de escolas e autores.

Na Primeira Parte, procura colocar em relevo a unidade fundamental do método estilístico, ou seja, mostrar a estilística como *um conjunto de métodos de crítica literária não tão díspares*.

Enquanto método de crítica literária, é preciso delimitar seu objeto, que não será o estilo (objeto de uma ciência ou teoria do estilo). Paz Gago vê a disciplina como esforço essencialmente metodológico. Nesse sentido, o que importa é investigar o próprio método crítico e encontrar sua aplicação mais adequada para a análise de textos literários.

As escolas são apresentadas, não com base em seus princípios, mas por meio de seus fundamentos estéticos e teóricos e através da evolução natural e histórica dos respectivos métodos.

Assim é que o autor afirma peremptoriamente que não se deve confundir teoria estilística com crítica estilística. Esta seria a aplicação prática daquela. Para descrever as diferentes práticas, trata de agrupá-las em cinco grandes escolas:

- a) estilística pré-estruturalista. Escola franco-suíça.
- b) estilística idealista. Escola alemã.
- c) estilística pré-estrutural. Escola espanhola.
- d) estilística estrutural. Escola francesa.
- e) estilística gerativa. Escola norte-americana.

Pela classificação já se pode perceber a intenção de aproximar as diferentes escolas. De fato, o autor está convencido de que a perspectiva estrutural sofre uma progressiva explicitação desde a primeira até a mais recente escola. Mesmo a tradicional oposição entre as duas primeiras escolas, ou seja, entre uma estilística da expressão (descritiva), representada por Bally, e outra, do indivíduo (genética), liderada por Spitzer, é questionada. Ambas sempre foram vistas como irreconciliáveis. Mas assim não pensa o autor, para quem há uma unidade subjacente aos dois métodos, ou melhor, subjacente a todos os métodos.

Antes de passar em revista as cinco escolas, o autor discute as relações da estilística com outras disciplinas como a crítica literária, a retórica e a poética.

Seguem-se os capítulos dedicados às referidas escolas, dando conta não só dos postulados de cada uma, mas também de seus principais representantes. Para não repetir o que outros estudiosos já fizeram, o autor procura defender a idéia da unidade que perpassa todas elas. Por exemplo, a propósito da conhecida exclusão da linguagem literária defendida por Bally, Paz Gago considera que se encontra aí uma contradição, pois a estilística gramatical acaba sendo, contra a vontade de seu criador, uma base para a crítica literária.

Para cada escola reserva-se um capítulo, com exceção de (b) e (c), que aparecem juntas, por razões óbvias. Afinal, Amado Alonso e Dámaso Alonso, ainda que conhecedores de Saussure e Bally, não renunciaram aos pressupostos idealistas.

Além da atitude crítica e não apenas expositiva adotada, ressalte-se ainda a atualidade da classificação do autor. Assim é que acaba-

Resenhas.

mos tendo um panorama não só das correntes que chegam até Riffaterre, que já estão bem divulgadas entre nós, mas também de novas perspectivas de enfoque, como aquelas que sofrem o influxo das idéias de Chomsky, da lingüística textual e da semiótica.

Para as relações entre semiótica e estilística, não contempladas na classificação já citada, está reservado um espaço especial. Todo o capítulo 6 é dedicado à semioestilística, que, segundo o autor, seria resultado de um esforço para superar a crise ou mesmo a agonia por que passou a estilística nos anos setenta. O próprio autor foi um dos seguidores dessa escola, antes de reconhecer o passamento da *velha senhora*. Aliás, *velha senhora* é a expressão com que ele ironiza os postulados de Molinié e de outros integrantes do grupo *EROS* (études et recherches à orientation stylistique).

Nesse ponto é onde se confirma de forma mais eloqüente a atitude crítica do autor. Leia-se, por exemplo, esta passagem, em que se fala das teses de Molinié:

No se trata de una fundamentación teórica, ni siquiera de una reformulación de viejas teorías con nuevos principios metodológicos, sino de una simple opción terminológica, de denominar a todos los estudios literarios actuales - y futuros! – Semioestilística o, incluso sin la composición léxica que pretende corregir el anacronismo científico, Estilística. (p. 115-6)

A Primeira Parte termina com a explicação do autor para sua desistência de continuar praticando a semioestilística, em favor de uma pragmática da literatura. Relembra, inclusive, que no final dos anos oitenta já havia escrito um artigo em que propunha tal substituição e de uma forma, segundo ele mesmo afirma, provocadora. Eis o título do artigo: “Para acabar con la Estilística: para una Pragmática de la Literatura”.

Voltando à tese do autor de que, subjacente a todas as cinco grandes escolas, existe uma unidade, cabe uma indagação: a noção de estrutura não teria sido excessivamente estendida apenas para aproximar todas as escolas? Falar em idealismo estrutural, como ele faz

para caracterizar a escola spitzeriana e garantir a unidade do método, parece contraditório.

Paz Gago justifica uma possível coincidência entre as duas escolas. Citando o paralelo estabelecido por Genette a propósito de Spitzer e Riffaterre, ele diz:

Ambas aplicaciones del método responden a una misma concepción discontinua del estilo, constituido por una serie de desvíos puntuales diseminados a lo largo de un continuum lingüístico, el texto, que deben ser detectados, identificados e interpretados como rasgos de estilo en cierta forma autónomos. El estructuralismo interpreta los desvíos en el sistema estructural del texto, y lo mismo hace el idealismo spitzeriano especialmente en la evolución que hemos expuesto.

Las diferencias estribarían, para Genette, en la naturaleza de la interpretación: causalista la del alemán y finalista la del francés afincado en los Estados Unidos. (p. 88-9)

Para os que continuam se valendo desse método de análise textual, a Segunda Parte pode ser bastante proveitosa. Exatamente essa parte é que nos permite ver na obra também um manual de estilística, como afirmamos no início. Pelo menos a exemplificação que poderia estar contida num manual dessa natureza. Afinal, trata-se de um conjunto de diferentes análises de um mesmo texto, no caso, o célebre soneto *Cerrar podrá mis ojos la postera*, de Francisco Quevedo.

Têm essas análises um interesse inclusive didático. Além de encontrarmos aí modelos, poder-se-á apreciar também a evolução do método. Cada análise é feita com base em uma escola e de acordo com alguns teóricos.

Depois de falar da unanimidade de opiniões quanto à exaltação das qualidades literárias do soneto, o autor chama a atenção para o fato de a estilística ter-se proposto *encontrar una justificación adecuada a este fenómeno unánime de recepción*. A comprovação disso foi facilitada pelo fato de diferentes escolas terem se interessado em analisar o referido soneto.

Foi o que fizeram Amado Alonso e Dámaso Alonso, Lázaro Carreter e Blanco Aguinaga, Pozuelo Yvancos e García Berrio. Se as

Resenhas.

primeiras análises se assentam em bases idealistas, a de Garcia Berrio desenvolve-se numa perspectiva da lingüística textual.

Ainda na Segunda Parte, há um capítulo (8), em que o próprio autor procura levar a cabo uma análise semioestilística do mesmo texto.

Pela qualidade das análises feitas, o leitor é levado a tomá-las como modelo, lendo a obra como manual de estilística, conforme já foi dito. Mas tal leitura não é estimulada pelo autor. Ao contrário: para ele todas estão circunscritas historicamente, não podendo, portanto, ser perpetuadas.

Na conclusão, reafirma a necessidade do abandono do termo estilística e do procedimento crítico tal como o configuravam seus cultivadores, desde Bally até Riffaterre, desde Spitzer até Van Dijk. O que se impõe agora é a pragmática da literatura.

Na crítica contundente que fez a Molinié, o autor considera que este, com sua pan-estilística, teria feito apenas uma opção terminológica e não uma nova fundamentação teórica, tampouco uma reformulação de velhas teorias com novos princípios metodológicos. Para que não se vislumbre na pragmática da literatura mais uma das peças pregadas pela *velha senhora*, que vem desmentindo os sucessivos anúncios de sua morte com diferentes formas de revitalização, ficamos aguardando por parte do autor um manual, agora sim de pragmática da literatura, que venha demonstrar que o novo rótulo não é resultado apenas de uma mudança terminológica. Quem sabe possamos lê-lo com o mesmo proveito que tivemos ao ler a presente obra.

Reginaldo Pinto de Carvalho
Professor de Filologia e Língua Portuguesa
DLCV-FFLCH/USP

McMAHON, April. *Understanding language change*, Cambridge University Press, 1994, 361 p.

Parece que a sincronia e a diacronia ou estudos históricos e não-históricos não podem na prática ser tão separados quanto desejam muitos lingüistas, partindo do famoso dito de Saussure de que “*the opposition between the two viewpoints, the synchronic and the diachronic, is absolute and allows no compromise*” (1974, p. 83). Pelo menos, na visão de McMahon, a sincronia e diacronia estão intimamente relacionadas. Como o autor esclarece, se desejamos forçar uma análise puramente sincrônica das línguas, eliminamos a dimensão diacrônica mas, embora isto elimine o futuro, não pode remover o passado. Os eventos do passado podem iluminar o presente, levando-nos a uma maior compreensão dos sistemas atuais, ou de como eles acabam por apresentar esta ou aquela forma: “... *historical linguistics may be able to illuminate synchrony the study of a single language state through diachronic work: understanding language change means understanding language better.*” (p. 10). Da mesma forma, o estudo da mudança lingüística envolve modelos e teorias desenvolvidos nos estudos sincrônicos. Sob este ponto de vista, nem a abordagem sincrônica nem a diacrônica podem oferecer um quadro completo de uma língua. Ao contrário, ambas nos proporcionam tipos particulares de informação.

Por outro lado, o argumento de que os falantes não têm consciência dos estágios anteriores da sua língua não seria suficiente para descartar as teorias diacrônicas, ou para roubar das línguas o seu passado. A investigação da natureza da linguagem requer que se leve em consideração que as línguas são objetos cujo primeiro modo de exis-